



**J. Ozildo**

**CONTRIBUIÇÃO  
À HISTÓRIA  
ECLESIAÍSTICA  
DE PATOS**

**Patos – PB  
2005**



**CONTRIBUIÇÃO  
À HISTÓRIA  
ECLESIAÍSTICA  
DE PATOS**



**Para Rosélia, minha  
esposa.**



Conferência realizada no  
auditório da *Fundação Ernani  
Sátiro*, na noite do dia 10 de  
outubro de 2003, durante as  
comemorações do '*Centenário  
da Cidade de Patos*'.





**CONTRIBUIÇÃO  
À HISTÓRIA  
ECLESIAÍSTICA DE PATOS**



---

---

**OS PRIMEIROS REGISTROS  
HISTÓRICOS DA FREGUESIA DE  
NOSSA SENHORA DA GUIA**



A história eclesiástica de Patos confunde-se com a própria história da cidade, cujo núcleo inicial, a exemplo de várias outras localidades do sertão paraibano, nasceu da conjugação do elemento religioso, apoiado na pecuária, suporte econômico que proporcionou o povoamento efetivo do interior nordestino.

Aos 26 de março de 1766, Paulo Mendes de Figueiredo e sua esposa Maria Teixeira de Melo, associados ao desbravador João Gomes de Melo e sua esposa Mariana Dias Antunes, moradores nas proximidades da *'Lagoa dos Patos'*, doaram partes de suas terras para a constituição do patrimônio de uma futura capela, que pretendiam erigir, em louvor a Nossa Senhora da Guia.

Seis anos mais tarde, a referida capela já estava concluída. Ao seu redor, Paulo Mendes de Figueiredo e João Gomes de Melo construíram as primeiras casas de moradas, principiando a fundação da povoação dos *'Patos'*, que, adquirindo delineamento urbano, tornou-se sede de freguesia aos 6 de outubro de 1788.

O território da Freguesia de Nossa Senhora da Guia (dos Patos), foi desmembrado da Matriz de Nossa Senhora Santana, sediada na antiga Vila Nova do Príncipe, atual cidade de Caicó, no vizinho Estado do Rio Grande do Norte (e não da de Pombal, como até agora vem sendo divulgado). Principiando na Serra do Teixeira, o referido território abrangia toda a

Ribeira das Espinharas. E, de acordo com a Provisão Régia nº 14, que criou a referida sede paroquial, a ela *“também lhe pertencerá o Rio do Sabugi até a fazenda do Jardim e a Capela de Santa Luzia, com todos os seus moradores na distância de quatro léguas em circulo”*.

No entanto, o primeiro Vigário de Patos, Padre Manoel Rodrigues Xavier (e não o Padre José Inácio da Cunha Souto Maior, como já foi divulgado), *“arrimado na declaração episcopal, segundo a qual os sítios que distassem quatro léguas da povoação de Santa Luzia, enquadrar-se-iam na jurisdição da Matriz dos Patos, declarou que os moradores no Espírito Santo (Ouro Branco-RN), passavam a ser seus fregueses”*.

Esta decisão, não agradou os moradores daquela localidade, que pretendiam continuar pertencendo à Freguesia da Vila Nova do Príncipe. Assim, em 1790, endereçaram uma longa representação ao Bispo de Olinda, que designou o Cônego Penitenciário Manoel Vieira de Lemos Sampaio para tratar do assunto. Este, em longo parecer, decidiu a favor dos habitantes da futura cidade de Ouro Branco, sepultando as aspirações do Padre Manoel Rodrigues Xavier.

A antiga *‘Povoação dos Patos’* pertenceu ao território do município de Pombal até 9 de maio de 1833, quando, por Resolução do Conselho da Província, foi elevada à categoria de município com a denominação de *‘Imperial Vila de Patos’*. Assim, emancipada politicamente, Patos passou a ter autonomia e Conselho Administrativo próprio. Sua instalação oficial ocorreu aos 22 de agosto daquele ano.

A primeira preocupação da Câmara Municipal de Patos, foi a discussão da Lei Geral, que demarcou os limites da antiga Vila Nova do Príncipe, contrariando interesses patoenses. Assim, logo no início de 1834, aquela Casa Legislativa enviou à Assembléia Geral uma longa representação, solicitando a revogação do Decreto de 25 de outubro de 1831.

No entanto, essa representação não atingiu seus objetivos. Uma Comissão formada na antiga Câmara dos Deputados, opinou pela manutenção do teor do mencionado decreto, cabendo à Vila dos Patos, *“todo o território assinalado no ato de criação de sua freguesia”*. A solução apresentada não agradou a classe política paraibana e a questão dos limites entre as duas províncias, arrastou-se por longos anos.

O primeiro bispo a visitar a sede da Freguesia de Nossa Senhora da Guia, foi Dom João da Purificação Marques Perdigão, titular da Diocese de Olinda - a cuja jurisdição pertencia todo o território paraibano - que aqui esteve em junho de 1839. Em Patos, aquele prelado sofreu *“grande amargura por causa do depravado procedimento do vigário”* local, que, publicamente, vivia em concubinato com uma senhora da Vila, morando na mesma casa e de cuja união proibida aos olhos da Igreja, havia alguns filhos. Entretanto, o ilustre visitante limitou-se a determinar que o referido vigário, providenciasse residência para sua amante, em local distante da respectiva freguesia.





---

---

**O PADRE MANOEL CORDEIRO DA  
CRUZ E SUA AÇÃO SACERDOTAL  
EM PATOS**



**O**s registros históricos sobre os primeiros vigários da Freguesia de Patos são escassos. Quase nada existe nos Livros de Tombo da Matriz de Nossa Senhora da Guia. Somente a partir da segunda metade do século XIX, é que as informações a esse respeito, tornaram-se mais concretas.

Em 1853, após aprovação em concurso, o Padre Manoel Cordeiro da Cruz tornou-se vigário colado da Vila de Patos, realizando uma ação sacerdotal digna de registro. Espírito incansável, levou os sacramentos aos mais distantes recantos de sua extensa freguesia, prestando significativa assistência aos seus fiéis, quando da epidemia do '*cólera morbus*', que assolou a Paraíba, em 1856. Em Patos, o referido '*mal do Ganges*', vitimou 24 pessoas, que foram sepultadas em vala coletiva, distante do perímetro urbano.

Passado aquele flagelo, o governo provincial determinou a construção do primeiro cemitério na referida vila, cuja benção foi procedida pelo Vigário Manoel Cordeiro da Cruz, aos 19 de janeiro de 1857, em solenidade que contou com a presença de grande número de pessoas e do Padre José Jácome de Fontes, coadjutor da Freguesia de Nossa Senhora da Guia, além dos senhores Luís Pedro de Azevedo, Joaquim Teodoro Sousa, Baldoino Amando Freire, Antônio Alves da Nóbrega e José Galdino de Oliveira Nóbrega, figuras de destaques na sociedade patoense da época.

Aos 13 de agosto daquele ano, a Freguesia de Patos, recebeu a visita do Padre Francisco de Holanda Chacon, *'presbitero secular, Cavalheiro da ordem de Cristo, Vigário Collado da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, da Cidade de Areia e n'ellla vigário de Vara, Visitador Geral das freguesias da Província da Paraíba e Delegado do Santo Crisma'*. Aqui, aquele visitador encontrou a Matriz em bom estado e certificou que os assuntos da freguesia, estavam de acordo com as normas canônicas.

Três anos mais tarde, aos 8 de outubro de 1860, Patos recepcionou o Dr. Luís Antônio da Silva Nunes, Presidente da Província, que procedente de Pombal, realizava uma visita ao interior da Paraíba. Na oportunidade, o referido governante foi saudado pelos membros da Câmara Municipal, sob a presidência do Vereador João Machado da Costa e hospedou-se na residência do Vigário Manoel Cordeiro da Cruz, membro do Partido Conservador, que, à época, já havia representado este município na Assembléia Provincial, durante a legislatura de 1858-1859.

Sempre preocupado com seus paroquianos, o referido pároco em carta a Dom João da Purificação Marques Perdigão, datada de 12 de maio de 1862, informava que em sua Freguesia havia *"um costume improprio (...) de raptar as moças por sedução para casar, resultando d'esta sorte desgostos, intrigas e desassocêgos das famílias (...). Desde que administro esta Freguesia, que tenho reprovado tal procedimento, porem não tenho conseguido bom resultado (...)"*.

Naquele mesmo ano, aos 8 de dezembro, o Vigário Manoel Cordeiro procedeu a benção do sino, que foi colocado no primeiro cemitério construído na Vila de Patos, localizado a poucos metros da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia. Anos mais tarde, benzeu a Capela de São José, construída na povoação, núcleo inicial da atual cidade de São José de Espinharas, em solenidade que foi comunicada aos seus superiores nos seguintes termos: *“Aos seis de outubro de mil oito centos e sessenta e nove em virtude de licença, conferi a benção da Capela de Sam José d'esta Freguesia, em solemnidade, assistindo os Reverendos Joaquim Félix de Medeiros, Aquilino Satyro e Souza e Joaquim Alves Machado e mais povo. E para constar faço este assento, que assigno. Vig<sup>ro</sup>. Manoel Cordeiro da Cruz”*.

Antes, porém, aos 8 de setembro de 1869, na mesma localidade, havia procedido a benção do cemitério local, construído em cumprimento a uma determinação do Presidente da Província. Em 1870, o Padre Manoel Cordeiro retornou à Assembléia Legislativa, eleito para cumprir um segundo mandato como deputado provincial.

Sua permanência prolongou-se até princípios de 1878, quando foi removido para Maceió. Anos mais tarde, o referido sacerdote foi designado vigário da Freguesia de São Francisco das Chagas, sediada em Canindé-CE, sua terra natal, onde exerceu seu sacerdócio de 29 de abril de 1888 a 5 de outubro de 1898. Em Patos, foi substituído pelo Padre Joaquim Alves Machado, que desde 30 de agosto de 1868,

ocupava o cargo de coadjutor da Matriz de Nossa Senhora da Guia.

Nascido aos 15 de julho de 1818, o Padre Manoel Cordeiro da Cruz era filho do casal José Joaquim da Cruz e Maria da Natividade Barbosa Cordeiro. Fez seus estudos eclesiásticos no Seminário de Olinda, ordenando-se aos 18 de fevereiro de 1842, tendo como companheiro, entre outros, o Padre Gregório Ferreira Lustosa, o primeiro sacerdote nascido na futura cidade de Patos.

Atencioso às determinações de seus superiores e zeloso nos registros dos fatos relacionados à sua Freguesia, o Padre Manoel Cordeiro da Cruz legou à posteridade as mais concretas informações sobre a Freguesia de Patos, no século XIX. Em Canindé, viveu seus últimos anos de vida, falecendo no dia 25 de julho de 1911, conforme informações contidas no livro *‘Notas Políticas e Religiosas de Canindé’*, de autoria do Padre Luís de Sousa Leitão, antigo vigário de Pentecoste-CE, que com ele conviveu e traçou-lhe significativo perfil biográfico.

---

---

**CÔNEGO JOAQUIM ALVES  
MACHADO: O primeiro sacerdote  
patoense a reger a Matriz de Nossa  
Senhora da Guia**





**O** Padre Joaquim Alves Machado é um nome incorporado ao patrimônio histórico da cidade de Patos. Foram mais de cinquenta anos de inteira dedicação ao seu povo, numa constante devoção de amor e solidariedade, que jamais serão esquecidos.

Patoense na melhor expressão da palavra, nasceu aos 8 de maio de 1838, sendo filho do pernambucano João Machado da Costa (2º do nome) e de dona Maria José de Medeiros. Foi, portanto, o oitavo filho de uma prole de onze. Pelo lado paterno, descendia do português João Machado da Costa e de dona Maria Francisca de Oliveira, de quem era neto. E, pelo materno, era neto do patriarca João Alves da Nóbrega, senhor e proprietário da Fazenda Trincheiras, um dos troncos da família Nóbrega no Sertão das Espinharas e no Vale do Sabugi.

Em Patos, Joaquim Alves Machado fez seus primeiros estudos. Ainda muito jovem, descobriu sua vocação para o sacerdócio e devidamente autorizado por seus pais, ingressou no Seminário de Nossa Senhora da Graça, em Olinda, Pernambuco. Anos mais tarde, transferiu-se para o Seminário da Prainha, em Fortaleza, Província do Ceará, onde concluiu seus estudos eclesiásticos e ordenou-se sacerdote no dia 30 de novembro de 1867, recebendo a ordem sacra do presbiterato das mãos do bispo diocesano Dom Luís

Antônio dos Santos. Na capital cearense, teve como contemporâneo de seminário, o futuro Padre Cícero, do Juazeiro, que entraria para a História como uma espécie de ‘santo’ do Nordeste.

Volvendo à Vila de Patos, aqui foi recebido festivamente, celebrando sua primeira missa na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia, na qual havia sido batizado. E, mesmo sem nomeação, a partir de 30 de agosto de 1868, passou a auxiliar o Padre Manoel Cordeiro da Cruz, em seu vicariato. Na oportunidade, o referido vigário lavrou o seguinte registro no Livro de Tombo da Matriz: *“Aos trinta de agosto de mil oito centos e sessenta e oito, à Estação da Missa Conventual, n’esta Matriz dei posse de Coadjutor d’esta Freguesia de Nossa Senhora da Guia de Patos ao Reverendo Joaquim Alves Machado. E para constar, faço esta declaração”*.

No entanto, somente um ano depois, chegou à Vila de Patos a provisão assinada pelo Bispo de Olinda Dom João da Purificação, confirmado o Padre Joaquim Machado no referido cargo, sendo feito esse novo registro: *“Aos deis de outubro de mil oitocentos e sessenta e nove n’esta Matriz a Estação da Missa Conventual, publiquei a Provisão e dei posse de Coadjutor d’esta Freguesia, que entrou logo em exercício o reverendo Joaquim Alves Machado. E para constar, faço este termo e assigno. Vig<sup>ro</sup>. Manoel Cordeiro da Cruz”*.

Por ato assinado pelo Presidente da Província e datado de 26 de abril de 1872, o Padre Joaquim Alves Machado foi designando membro da Comissão Censitária, encarregada dos trabalhos de recenseamento da população da Freguesia de Nossa Senhora da Guia, de Patos. Quatro anos mais tarde, foi

nomeado coadjutor da Matriz de Pombal, sendo substituído em Patos pelo Padre Manoel Mariano de Albuquerque. No entanto, ainda no final de 1876, foi reconduzido às suas antigas funções como coadjutor da Matriz de Patos.

Coadjutor pró-pároco, em 1878, com a remoção do Padre Manoel Cordeiro, tornou-se vigário encarregado da Freguesia de Nossa Senhora da Guia, de sua terra natal. Sacerdote dedicado viveu toda a sua vida sacerdotal em Patos, dedicando as mais sinceras atenções aos seus paroquianos.

Homem de reconhecida cultura, possuidor de inúmeras qualidades, nas eleições realizadas aos 16 de agosto de 1883, o Padre Joaquim Machado disputou sem êxito uma vaga na Assembléia Legislativa Provincial, pelo Partido Conservador. Mas, dois anos mais tarde, em novo pleito, elegeu-se deputado provincial, tendo participado ativamente dos trabalhos legislativos durante o biênio de 1886-1887, oportunidade em que integrou a Comissão de Estatística e Divisão Civil, Judiciária e Eclesiástica. Contudo, não disputou sua reeleição.

Posteriormente, nos primeiros anos do século XX, elegeu-se membro do Conselho Municipal de Patos, do qual foi seu presidente durante o ano de 1906, quando a cidade era administrada por Sizenando Florido de Sousa. A ele, deve-se o crescimento do Patrimônio da Matriz de Nossa Senhora da Guia, bem como a construção de várias capelas, nos povoados existentes em sua extensa freguesia.

Ainda na segunda metade do século XIX, a Vila de Patos passou a projeta-se no interior paraibano, apresentando um crescimento populacional de forma considerável e impondo ao vigário local a obrigação de construir uma nova Matriz, uma vez que a antiga Igreja não comportava mais seus fiéis. Assim, aos 18 de abril de 1893, o Padre Machado - como ficou popularmente conhecido - endereçou a seguinte petição ao Bispo de Olinda - a quem era subordinado - solicitando autorização para erigir uma nova igreja, sob a invocação a Nossa Senhora da Guia:

*“Ex<sup>m</sup>º e Rev<sup>mo</sup>. Senhor*

*Joaquim Alves Machado, vigario encomendado da Freguesia de Nossa Senhora da Guia de Patos, do Estado da Parahyba do Norte, desejando juntamente com os seus parochianos, erigir uma nova Matriz n’esta Villa, visto a existente, apesar de bem ornada, não offerecer o devido commodo para as missas conventuais e mais ainda para maiores festividades, vem humilde e respeitosamente logar à V. Ex<sup>cia</sup>. R<sup>ma</sup> se digne conceder-lhe licença ou a outro qualquer sacerdote para benzer a primeira pedra e collocar-a em seu competente logar. Neste Termos, V. Ex<sup>cia</sup>. R<sup>ma</sup>. se digne deferir-lhe favoravelmente. E. R. M.*

*Villa de Patos, 18 de abril de 1893. Vigario Joaquim Alves Machado”.*

**“Despacho:** *Concedemos ao Rev<sup>do</sup>. Parocho supplicante, ou a qualquer outro sacerdote por elle designado, a faculdade de poder, digo, de proceder a benção e collocação da primeira pedra da nova Matriz a construir-se como pretende, tudo ‘sevatis sevandis’ de conformidade com o Ritual Romano do Papa Paulo*

5°. Soledade do Recife, 3 de maio de 1893. + João, Bispo de Olinda”.

Assim, devidamente autorizado, o incansável vigário lançou a pedra fundamental para a construção da segunda Igreja Matriz de Patos, cujo ato foi registrado na seguinte ata:

*“Aos vinte e doiz dias do mez de outubro do anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e noventa e três, às cinco horas da tarde, n’esta Freguesia de N. S. da Guia da Villa de Patos, do Bispado e Estado da Parahyba, dos Estados Unidos do Brazil em pleno dominio de S. S. o Papa Leão XIII, Chefe Universal da Igreja Cathólica, sendo Bispo da Diocese o recentemente nomeado, Ex<sup>mo</sup>. Dom Adaucto Aurélio de Miranda Henriques, continuando, porém, o território da Diocese sob a regencia do Bispo de Olinda, Ex<sup>mo</sup>. D. João Esberardo, representando o Governo do Brazil, o 1º Vice-Presidente da República, Marechal Floriano Peixoto, Presidente do Estado o Major-Engenheiro o Dr. Alvaro Lopez Machado, Juiz de Direito da Comarca o Dr. Pedro Ullissez Porto, Promotor Público, o Cap<sup>m</sup>. Manoel Gomes dos Santos, Presidente do Concelho Municipal o cidadão Constantino Dantas Correia de Goiz, Delegado do Termo cidadão Tenente Leoncio Pereira Monteiro Wanderley, presentes os Rev<sup>dos</sup>. sacerdotes Joaquim Alvez Machado, Aquílio Satyro e Sousa, n’ella residente, Jovino da Costa Machado, vigario da Freguesia de S. Luzia do Sabugy e grande multidão do povo - assentou-se a primeira pedra da nova Matriz, consagrada à Virgem Santíssima a Senhora da Guia para honra sua e glória de Deus, como eloquente*

*attestado da fé cathólica dos habitantes d'esta Freguesia, havendo a benção de conformidade com o Ritual Romano do Papa Paulo 5º, a qual fica sendo a segunda Igreja construída do catholicismo n'esta Villa. O Rev<sup>mo</sup>. Vigario da Freguesia proferio analoga allocução ao acto, concluindo por vivas à Religião Cathólica, ao Santo Padre o Papa, ao Bispo Diocesano, a D. João Esberardo, Bispo de Olinda, aos Ministros do Catholicismo, ao religioso povo d'esta Freguesia, partido do mesmo povo vivas ao mesmo vigario. E para constar lavrou-se a presente acta que vae assinada pelo referido Vigario e circunstantes, que o quizerem fazer. E eu Lourenço Pereira da Costa e Silva, Professor Público, servindo de Secretário, esta fiz e assigno. Vig<sup>ro</sup>. Joaquim Alves Machado, Pe. Aquilino Satyro e Sousa, Manoel Gomes - Procurador do Patrimonio, Fran<sup>co</sup>. Machado Toscano da Nobrega, Abdon Odilon da Nobrega, Manoel Gomes de Lima”.*

Após a escolha do local, iniciou-se os trabalhos de construção da segunda Igreja de Patos, na atual Av. Epitácio Pessoa. A nova Matriz de Nossa Senhora da Guia (hoje, servindo como Catedral), levou treze anos para ser concluída e nela foram consumidos mais de 30 contos de réis.

Sacerdote virtuoso, o Padre Machado coordenou as festividades de chegada do século XX, que foram comemoradas em grande estilo na Vila de Patos, oportunidade em que para a sede do município, afluíram quase todos os habitantes da zona rural. À meia noite, o velho vigário celebrou uma missa campal, em frente à antiga Matriz, na qual abençoou seus fiéis. Tal acontecimento marcou época e durante

muito tempo, foi o principal assunto no meio social patoense.

Possuidor de uma excelente oratória, no dia 6 de setembro de 1908, quando da inauguração da estação telegráfica de Patos, foi um dos oradores da referida solenidade, juntamente com os doutores Pedro Firmino e Ulisses Porto, além do Coronel Miguel Sátyro e do Professor Pedro Torres. Em finais de 1912, já sentindo o peso dos anos, solicitou de seu diocesano um auxiliar, sendo-lhe designado como coadjutor o Padre José Viana da Cunha, que muito fez pela educação patoense.

Zeloso em suas funções, o Padre Machado sempre foi elogiado por seu desempenho à frente da Matriz de Nossa Senhora da Guia. No dia 31 de agosto de 1913, com as mais *“significativas demonstrações de júbilo e consideração”*, recebeu em sua paróquia o Cônego Sabino Coelho, visitador diocesano, que esteve em Patos por cinco dias, angariando donativos destinados à constituição do patrimônio da futura Diocese de Cajazeiras. Ainda naquele ano, foi agraciado com o título de Cônego da Catedral de Nossa Senhora das Neves, de João Pessoa.

Interinamente, por diversas vezes, o Cônego Machado regeu as freguesias de Santa Luzia e Teixeira, *“onde também prestou assinalados serviços ao seu ministério”*. Sempre preocupado com fé e com seus paroquianos, por sua iniciativa, iniciou-se a campanha pela construção do segundo Cemitério de Patos (que seria construído no Bairro do Belo Horizonte), tendo reunido em sua residência, no dia 18 de março de

1917, as *'pessoas mais gratas da cidade'*, para discutir o assunto e formar as comissões de trabalho.

Homem simples e bom, popularmente conhecido como o *'Padrim Padre'*, o Cônego Joaquim Alves Machado ao completar suas bodas de ouro sacerdotal, sentindo-se velho e cansado, renunciou sua paróquia no dia 1º de janeiro de 1918, sendo nela substituído pelo Padre José Neves de Sá. E, como sacerdote avulso, até o limite de suas forças físicas, celebrou na antiga Igreja Matriz de Patos, hoje, Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Por fim, faleceu a 15 de março de 1922, aos 83 anos de idade, *"deixando entre os seus paroquianos renome de santo pelas suas edificantes virtudes sacerdotais"*.

Após uma missa de corpo presente e dos rituais prescritos pela Igreja, seu corpo foi sepultado ao pé do altar de São Joaquim, no interior da antiga Matriz de Nossa Senhora da Guia, hoje, Igreja de Nossa Senhora da Conceição, cujo local, acessível à visitação pública, encontra-se identificado por uma lápide de mármore.

Definido como um *"homem de alta estatura e de robusta compleição, dotado de excelsas virtudes, profundamente honesto e justo"*, o Cônego Joaquim Alves Machado tem seu nome inserido na galeria dos maiores benfeitores da cidade de Patos, onde é sempre lembrado e homenageado.



---

---

**PADRE JOSÉ VIANA E O  
PRIMEIRO JORNAL CATÓLICO  
PATOENSE**



Natural de Catolé do Rocha-PB, o Padre José Viana ordenou-se sacerdote ainda muito jovem. Iniciou sua vida sacerdotal em sua terra natal. Em finais de 1912, chegou à cidade de Patos, após ser nomeado coadjutor da Paróquia de Nossa Senhora da Guia, tornando-se o principal auxiliar do Vigário Joaquim Alves Machado, que após mais de quarenta anos de vicariato, já sentia os efeitos da velhice.

No ano seguinte, a 15 de maio, o Padre Viana fundou na cidade o *'Colégio Leão XIII'*, destinado à instrução primária e secundária. Sacerdote dedicado, cedo integrou-se à sociedade patoense, onde teve uma participação destacada. Por provisão eclesiástica, datada de 1º de janeiro de 1923, foi nomeado vigário cooperador da Matriz de Nossa Senhora da Guia, em substituição ao Padre Luís Gomes Vieira, que foi transferido para a Paróquia de Catolé do Rocha.

Homem inteligente e cultor das letras, o Padre Viana fundou na cidade de Patos *'A Voz Parochial'*. Esse periódico, que foi o primeiro jornal católico patoense, iniciou sua circulação no dia 1º de março de 1924, sendo bastante aceito pela sociedade da época.

De formato tablóide, a *'Voz Parochial'* que era um *'Semanário Católico, Literário e Noticioso'*, circulou até princípios de 1926. Sua equipe técnica era a seguinte: Redator - Renato de Alencar; Diretor - Padre José Viana e Gerente - Manoel Severiano.

Seu redator, o professor Renato de Alencar, era proprietário do *'Instituto Gymnasial de Patos'* e da *'Escola Superior de Commercio'*. Anos mais tarde, transferiu-se para o Recife, em busca de tratamento médico para sua esposa. Na capital pernambucana, exerceu seu magistério e militou na imprensa, notabilizando-se como folclorista. De sua autoria é um excelente artigo sobre a vida e a obra de Allyrio Wanderley, publicado num jornal carioca.

Voltando ao Padre José Viana da Cunha, este, operoso e dinâmico, foi agraciado com o título de Cônego. E, no exercício de seu vicariato, aos 27 de dezembro de 1926, procedeu a benção do segundo cemitério de Patos, construído no atual Bairro Belo Horizonte. Na oportunidade, ao seu convite, o Padre Manoel Machado, vigário da Matriz de Madre de Deus, do Recife, proferiu eloqüente discurso, congratulando-se *"com o povo católico de Patos por ver transformado em campo sagrado aquele a que os poetas chamam 'a cidade dos mortos'".*

Educador por excelência, o Padre Viana era *"homem de baixa estatura e de franzina compleição"*, tinha *"uma força de vontade exemplar"* e era *"dotado de preciosos atributos intelectuais e morais"*. Distinguido com título de Cônego, em Patos, regendo a Matriz de Nossa Senhora da Guia, permaneceu até 1927, quando foi substituído pelo Padre Geraldo Van Der Geld, membro da Sagrada Família. Lamentavelmente, seu nome é esquecido na história patoense, apesar de sua obra sacerdotal.

---

---

**PADRE FERNANDO GOMES:**  
**Do vicariato ao arcebispado**



**A**os 17 de dezembro de 1936, o Padre Fernando Gomes dos Santos foi nomeado vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Guia.

Empossado no dia 1º do mês seguinte, tornou-se o segundo patoense a reger a referida Matriz, algo que lhe representou a realização de um sonho e sua consagração como servo de Deus.

Nascido aos 4 de abril de 1910, foram seus pais Francisco Gomes dos Santos e Veneranda Gomes Lustosa. Com seu próprio genitor, aprendeu as primeiras letras, matriculando-se em seguida na escola do professor Alfredo Lustosa Cabral. Vocacionado para o sacerdócio, ingressou no Seminário Arquidiocesano da Paraíba, aos 9 de fevereiro de 1921. Ali, concluiu o primário e perfez os cursos de humanidades e de Filosofia, iniciando o curso teológico, que foi concluído no Colégio Pio-Americano, em Roma, licenciando-se em dogmática, pela Universidade Gregoriana.

Sua ordenação sacerdotal ocorreu numa terça-feira, dia 1º de novembro de 1932, em solenidade realizada na Capela do Pontifício Colégio Pio-Americano, recebendo a ordem sagrada do presbiterato das mãos do Cardeal Marchetti Selvaggiani. Voltando ao Brasil, integrou-se ao Clero paraibano, tornando-se diretor do Colégio Diocesano '*Padre Rolim*', em Cajazeiras, a cuja Diocese pertencia, desenvolvendo uma gestão das mais promissoras.

Durante os quatro anos em que permaneceu em Cajazeiras, o Padre Fernando Gomes não limitou-se apenas ao magistério. Dirigiu o semanário "*O Rio do Peixe*" (editado pela Diocese), organizou a Paróquia local (da qual foi vigário durante o ano de 1936) e difundiu o ensino do catecismo.

Em Patos, seu vicariato durou seis anos. Cedo, o Padre Fernando Gomes entendeu que sua paróquia necessitava de uma Igreja Matriz mais ampla, que pudesse acomodar melhor seus fiéis e que estivesse à altura do progresso da cidade. Assim, ouviu seus paroquianos e com o total apoio da comunidade católica, iniciou os trabalhos de reconstrução da velha Matriz, "*nos moldes rigorosos da moderna arquitetura sacra*", cuja solenidade de benção da primeira pedra, ocorreu no domingo, dia 2 de junho de 1940 e contou com a participação de Dom João da Mata do Amaral, Bispo de Cajazeiras, além de várias outras autoridades civis e religiosas.

Os referidos trabalhos somente cessaram quando a obra estava completamente concluída. Assim, num curto período de dois anos, o jovem sacerdote entregou à cidade de Patos sua nova Igreja Matriz, fato que demonstrou a força de sua operosidade. A referida Igreja - cujo projeto foi elaborado pelo arquiteto pernambucano Carlos Fest - por sua majestosidade, passou a ser um dos mais belos monumentos da cidade e foi inaugurada durante a festa de setembro de 1942. Nela, sobreleva-se um magnífico campanário, coroado de originalidade e beleza.



Em Patos, o Padre Fernando esteve presente em todos os setores da atividade humana. Dele é a letra do *'Hino de Louvor a Nossa Senhora da Guia'*, entoado com fervor, durante as festas de setembro, pelo povo patoense.

Sacerdote virtuoso, adquiriu e remodelou um imóvel, no centro da cidade, que passou a servir como *'Casa Paroquial'*. Para ele, *"o braço direito, dado por Deus à mente e ao coração do pároco"*, era a *'Ação Católica'*. Assim, organizou-a e num amplo prédio, adquirido por compra, instalando-a em solenidade - que contou com a participação de Dom João da Mata Amaral - realizada a 17 de dezembro de 1939, data, que transformou-se num *"acontecimento de maior projeção na história católica da Paróquia de N. S. da Guia"*.

Ainda em finais de 1939, iniciou em sua paróquia uma campanha visando despertar a classe operária para a criação do *'Círculo Operário de Patos'*. Sua iniciativa foi bem recebida pela classe trabalhadora e tornou-se realidade aos 25 de fevereiro de 1940, quando *"reunindo no salão da Ação Católica um elevado número de operários e perante uma grande assistência"*, declarou instalado provisoriamente o referido Círculo.

Em Patos, o Padre Fernando desenvolveu uma intensa atividade social. Fundou a *'Casa dos Pobres'* - instalada num amplo galpão - destinada a abrigar e alimentar os flagelados, que convergiram para a capital das Espinharas, durante a seca de 1941-1942. Mais tarde, auxiliado pela *'Conferência Vicentina'* e pelas *'Religiosas Filhas do Amor Divino'*, realizou uma

ampla reforma naquela ‘Casa’, transformando-a no ‘Dispensário dos Pobres’, dotado de aposentos arejados, cozinha, enfermaria e um modesto mobiliário, destinando-o a abrigar os pedintes que havia na cidade.

Homem humilde, o Padre Fernando Gomes era sempre encontrado naquele dispensário, no meio dos pobres, confortando-os com sua presença como ministro e servo de Deus. Por essas atitudes, tornou-se popular e querido.

Sempre preocupado com a educação, instalou na cidade de Patos o ‘Colégio Cristo Rei’ e o ‘Ginásio Diocesano’, garantindo o desenvolvimento cultural da juventude patoense e de municípios circunvizinhos, prestando *“com o brilho de sua inteligência uma colaboração sincera, leal e eficiente, sem olhar interesses subalternos”*.

Seu nome, está diretamente ligado à história do ‘Colégio Cristo Rei’, que iniciou suas atividades no dia 4 de março de 1938. Nesse estabelecimento de ensino, desde sua fundação até finais de 1942, o Padre Fernando lecionou Língua Portuguesa e Religião. E, quando da construção do prédio onde inicialmente funcionou aquele estabelecimento de ensino, tomou para si a responsabilidade dos referidos trabalhos, *“aos quais assistiu em todas as suas fases, até o aparecimento dos primeiros frutos colhidos em dezembro de 1942, com a primeira turma de professoras, que num gesto unânime de simpatia e gratidão o aclamou paraninfo da cerimônia de colação de grau”*.

Tanto fez que conquistou a estima total de seus paroquianos. Essa magnífica ação pastoral contribuiu para sua distinção com o canonicato, ocorrida a 18 de junho de 1941. No ano seguinte, aos 18 de janeiro, foi agraciado com o título de Monsenhor e por fim, a 12 de janeiro de 1943 - aos 33 anos de idade incompletos - ascendeu ao episcopado, sendo nomeado bispo titular da Diocese de Penedo-AL, em substituição a Dom Jonas de Araújo Batinga, que falecera no exercício de sua ação episcopal.

A sagração de Dom Fernando Gomes dos Santos, ocorreu na Igreja Matriz da cidade de Patos, aos 4 de abril daquele ano - dia de seu natalício - tendo como sagrante Dom Moisés Coelho, Arcebispo da Paraíba e, consagrantes, Dom José de Medeiros Delgado e Dom João da Mata do Amaral, bispos das Dioceses de Caicó (RN) e Cajazeiras (PB), respectivamente.

A referida solenidade converteu-se num grande cerimonial, que ainda hoje é lembrado pelo povo patoense. Na tarde daquele dia, a *'Ação Católica'*, o *'Colégio Cristo Rei'* e *'Ginásio Diocesano'*, associados às várias entidades religiosas da cidade, prestaram significativas homenagens ao ilustre prelado, que recebeu um simbólico presente da Paróquia de Nossa Senhora da Guia, da qual, foi seu maior benfeitor. Encerrando as solenidades, às 19:00 horas, celebrou-se um *'Te Deum'*, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia, cujo sermão ficou a cargo de Dom Mário de Miranda Vilas Boas, bispo de Garanhuns, considerando um dos maiores oradores sacros daquela época.

Em Patos, Dom Fernando fundou e organizou a *'Juventude Estudantina Católica'* e quando foi escolhido bispo de Penedo, acumulava suas funções sacerdotais com o cargo de Diretor da *'Pia União das Filhas de Maria do Educandário'*. E, ao tomar posse naquela Diocese, era o mais jovem prelado do Brasil. Ali, a semelhança de Patos, destacou-se por *"seu infatigável labor e pela facilidade de atrair amigos e crentes fervorosos com a simpatia irradiada como auréola do sacerdote virtuoso e dedicado à causa da Igreja"*.

Em 1949, foi nomeado titular da Diocese de Aracajú. Dinâmico, por onde passou, deixou a marca de suas realizações. Ampliou o clero sergipano, visitou todas as paróquias sob sua jurisdição e promoveu uma ação episcopal, voltada para às questões sociais, enfrentadas por seus diocesanos.

Criada a Arquidiocese de Goiânia, Dom Fernando Gomes foi nomeado seu primeiro Arcebispo, por *Bula* assinada pelo Santo Papa PIO XII, empossando-se em suas novas funções a 16 de junho de 1957, logo após a instalação daquele núcleo arquidiocesano, em solenidade presidida por Dom Armando Lombardi, Núncio Apostólico no Brasil, e, que contou com a presença de vários prelados, de todo o presbitério goiano e de representações de todas as paróquias daquela Arquidiocese.

Sua ação em Goiânia, foi por demais produtiva: fundou a *'Revista da Arquidiocese'*; reativou o antigo jornal *'O Brasil Central'*; visitou todas as paróquias de sua jurisdição; reativou o *'Seminário Santa Cruz'*; criou a *'Obra de Vocações Sacerdotais'*, em cada paróquia;

adquiriu para Arquidiocese a '*Rádio Difusora de Goiânia*'; reestruturou a '*Sociedade de Educação e Ensino*'; criou a Universidade Católica de Goiânia; organizou a '*Sociedade Goiana de Cultura*' e o Secretariado da Pastoral Arquidiocesana; criou o núcleo das Regiões Pastorais e apoiou a criação da Comissão Pastoral da Terra.

Figura da maior expressão e destaque no clero brasileiro, no campo eclesial, Dom Fernando marcou sua presença como um dos principais artífices da criação da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (1952), na qual, por vários mandatos, dirigiu alguns departamentos, sobretudo, dos leigos e Ação Católica.

Participante ativo do '*Concílio Vaticano II*' (1962 a 1965), presidiu a Comissão que elaborou o documento sobre os meios de comunicações sociais, durante o '*Concílio de Medellín*' (1968), em cuja Conferência atuou como Delegado. Escolhido como representante do Brasil, junto à Conferência de Puebla, não pode participar daquele Concílio, por problemas de saúde.

Defensor e procurador do povo, cognado '*o Pai da Igreja de Goiânia*', Dom Fernando foi o construtor da Arquidiocese daquela capital, cuja história é dividida em duas etapas: antes e depois desse grande ministro da Igreja. Grão Chanceler da Universidade de Goiás, membro da Comissão Central da CNBB e Secretário da Regional Centro-Oeste, no dia 1º de junho de 1985, chamado por Deus, Dom Fernando deixou a vida terrena. Seu corpo, em câmara ardente, foi exposto na Catedral Metropolitana de Goiânia, para visita pública. Na tarde do dia seguinte, após uma missa de

réquiem e dos rituais prescritos pela Igreja Católica, seu corpo foi inumado no interior daquela catedral.

Patrono da cadeira nº 10 do Instituto Histórico e Geográfico de Patos, o nome de Dom Fernando, em sua terra natal, é lembrado designando uma Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental, além de uma via pública. Algo muito pouco, para reverenciar a memória de alguém que, em vida, foi o mais ilustre de seus filhos.

Dom Fernando foi a integridade em pessoa. Possuidor de um *“coração imenso de bom pastor”*, de maneira corajosa, fez de sua voz, uma das mais importantes armas em defesa dos oprimidos. Verdadeiro *‘Guerreiro da Paz’*, em todos os sentidos, é unânime o pensamento do real significado que teve Dom Fernando Gomes dos Santos na Igreja da Paraíba, de Alagoas, de Sergipe e Goiás, do Brasil e do mundo.

Senhoras e senhores, muito temos a dizer sobre a pessoa e a obra de Dom Fernando Gomes dos Santos. Lamentavelmente, aqui, temos um espaço curto e um tema a desenvolver. No entanto, não abordar em rápidas palavras a ação desse ilustre sacerdote patoense, seria um grande pecado histórico. Espero, portanto, em outra oportunidade, abordar em melhores detalhes a vida desse grande levita do senhor.

---

---

**A DIOCESE DE PATOS E SEU  
PRIMEIRO TITULAR**





Como sede paroquial, a cidade de Patos esteve subordinada à Diocese de Olinda-PE até 1894, quando foi criada a Diocese da Paraíba, passando, posteriormente, a pertencer à Diocese de Cajazeiras, após a criação daquele sólio episcopal, aos 6 de fevereiro de 1914.

No final da primeira metade do século passado, a cidade de Patos, por sua importância econômica, tornou-se um dos mais desenvolvidos centros do interior paraibano. Para aqui, além das grandes empresas beneficiadoras do algodão - o ouro branco dos sertões - afluíram vários órgãos governamentais. Esse grande crescimento econômico e populacional impôs uma nova necessidade: a criação de uma Diocese.

A coordenação do movimento pró-criação da referida Diocese, ficou a cargo do Padre Manoel Vieira, à época, diretor do Colégio Diocesano, que, publicamente, assumiu o compromisso sagrado de trabalhar pela futura sede episcopal. Esse sonho coletivo tornou-se realidade aos 27 de janeiro de 1959, quando o Santo Papa João XXIII, assinou a Bula '*Quandoquidem Deus*', transformando a '*Capital das Espinharas*' na sede da segunda Diocese do sertão paraibano. Considerada como a certidão de batismo da Diocese patoense, a referida Bula, em parte, expressa:

*“João, Bispo, Servo dos Servos de Deus, para imperecível memória. Visto que Deus, sendo sapientíssimo, quis que os homens redimidos pelos dolorosos tormentos de seu filho Jesus Cristo fossem reduzidos à salvação e eterna pelos maternais desvelos da Santa Igreja, também nós, que pela autoridade divina governamos o leme da sociedade cristã, com empenho nos dedicamos e insistimos a fim de que aos fiéis de Cristo haja condições propícias para fomentar a piedade e colher os frutos da Redenção. Por este motivo, tendo o memorável irmão Armando Lombardi, Arcebispo de Cesarea de Felipe e Nuncio Apostólico na República Federativa do Brasil, após ouvir o parecer dos veneráveis irmãos Zacarias Rolim de Moura, Bispo de Cajazeiras e Otávio Aguiar, Bispo de Campina Grande, pedido a esta Sé Apostólica que na região destas circunscrições eclesiásticas se fundasse uma nova Diocese, nós após diligente consideração da idéia, tendo ouvido nossos veneráveis irmãos Cardeais da Santa Igreja Romana, Dirigentes da Sagrada Congregação Consistorial, suprindo o consenso daqueles que neste assunto se julgam ter algum direito com nossa autoridade suprema, resolvemos e determinamos quanto se segue: Separamos da Diocese de Cajazeiras os municípios chamados Patos, Malta, Princesa Isabel, Santa Luzia e São Mamede e as Cúrias ou paróquias de Santo Antônio e Santa Ana, do município de Piancó, igualmente separados da Diocese de Campina Grande os territórios chamados Taperoá e Teixeira e o território do distrito que denomina Junco do Seridó, pertencente ao município de Santa Luzia. A toda esta*

*região constituímos uma nova diocese que se deve chamar Patoense e deve confinar-se pelos mesmos limites que os municípios e paróquias de que se compõem conforme se delimitam atualmente por lei civil. A sede da nova diocese será a cidade de Patos, onde o Bispo estabelecerá seu domínio, edificará a Catedral de sua autoridade e ensinamentos no templo que na expressão popular chama-se de Nossa Senhora da Guia, o qual, com justa honra, se elevará à Catedral. Concedemos os devidos direitos à Igreja constituída, bem como ao seu Antístite, a que impomos, pois, os encargos do ofício episcopal. Entre estes, porém, convém lembrar: estar, ele, bem como sua Igreja, subordinados ao Metropolita da Paraíba de quem é sufragâneo. Ordenamos ainda que em a nova circunscrição se constitua Cabido que concorra para o esplendor das cerimônias e sirva de ajuda ao Pastor; enquanto, porém, não possa este, constituir-se, permitimos que em seu lugar sejam nomeados Consultores Diocesano, cujo ofício se encerrará com a instalação do Cabido. Mandamos igualmente, e ao Bispo impomos grave obrigação, que se funde um Seminário ao menos elementar para meninos escolhidos, que por vocação divina sejam chamados ao Sacerdócio: tão, na verdade, a esperança de toda a Igreja (...).”*

Pelo demonstrado, o território da Diocese de Patos, foi desmembrado das Dioceses de Campina Grande e Cajazeiras e não tão somente desta última, com vem sendo até o presente divulgado pela imprensa patoense e por alguns pesquisadores que abordam o assunto.

A notícia da criação da Diocese de Patos, foi divulgada pelo Padre Francisco Paulo Licarião, recém-nomeado vigário da Matriz de Nossa Senhora da Guia - durante uma celebração dominical. Cedo, iniciou-se os preparativos para a instalação da nova Diocese. A comunidade católica patoense, deu significativa contribuição, provendo a Matriz de Nossa Senhora da Guia das alfaias e utensílios necessários.

No dia 25 de fevereiro de 1959, o Santo Papa João XXIII, nomeou o Dom Expedito Eduardo de Oliveira, cearense de Pacatuba, como primeiro Bispo da nova Diocese. Aquele diocesano chegou à cidade de Patos, no dia 11 de julho de 1959, sendo recebido festivamente às 15:30 horas, pelo prefeito Nabor Wanderley, no distrito de Santa Gertrudes. Em carro aberto, entrou triunfadamente na cidade, desfilando por várias ruas, sob os aplausos da população, que dava vivas ao seu primeiro bispo.

No final, num palanque armado em frente à Prefeitura Municipal, foi saudado pelo advogado e homem de letras Ernani Sátyro, à época, deputado federal. À noite, na Catedral de Nossa Senhora da Guia, foi celebrada uma missa festiva, por Dom Otávio Barbosa de Aguiar, Bispo de Campina Grande.

E, no dia seguinte, após a instalação da nova Diocese, Dom Expedito Eduardo de Oliveira foi empossado como seu primeiro bispo, em cerimônia presidida por Dom Armando Lombardi, Núncio Apostólico no Brasil, cujo ato solene, foi registrado na seguinte ata:

*“Aos doze dias do mês de julho de mil novecentos e cinqüenta e nove, na Igreja Catedral de Nossa Senhora da Guia, na cidade de Patos, Estado da Paraíba, presente vários Exmos. Srs. Bispos da Província Eclesiástica da Paraíba, altas autoridades, membros do Clero Diocesano e regular, e grande número de fiéis, sob a presidência do Exmº Sr. Dom Armando Lombardi, Núncio Apostólico no Brasil, foi lido publicamente, no texto original, a Bula de nomeação do Exmº Sr. Dom Expedito Eduardo de Oliveira para Bispo residencial de Patos. Em seguida, o Exmº Sr. Dom Expedito Eduardo de Oliveira apresentou ao Clero presente à cerimônia a Bula de sua nomeação, tomando assim, canonicamente, posse da nova Diocese de Patos. Assinada a Ata em quatro vias pelo Exmº Sr. Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi, pelos Exmos. Srs. Bispos presentes, pelas altas autoridades e por membros do clero, o Exmº Sr. Dom Expedito Eduardo de Oliveira dirigiu aos presentes sua primeira alocução como novo Bispo de Patos. Prestada a obediência do clero ao novo Bispo, o Exmº Sr. Núncio Apostólico entoou solene Te Deum, com que se encerraram as cerimônias. E para constar, foi lavrada a presente Ata. † Armando Lombardi, Núncio Apostólico no Brasil † Expeditus, EP. Patoenses, † Zacarias, Bispo de Cajazeiras, † Vicente, Bispo Auxiliar de Crato, † José, Bispo de Garanhuns, † Otávio, Bispo de Campina Grande, † Manoel, Vigário Capitular da Arquidiocese da Paraíba, † Fernando, Arcebispo de Goiânia, Pedro Moreno Gondim, Drault Ernani de Mello, Ernany Sátiro”.*

Em Patos, Dom Expedito com a proficiência de um sábio e a bondade de um pastor realizou uma ação episcopal digna de registro. E, sempre fiel à sua vocação, durante quase 24 anos, dedicou-se inteiramente à sua Diocese, promovendo realizações nos mais variados setores. Criou doze novas paróquias, provendo-as com seus respectivos titulares. Preocupado com as vocações sacerdotais, fundou o Seminário Diocesano, que deu uma maior projeção à Diocese de Patos.

Em 1962, conseguiu incorporar a Rádio Espinharas ao patrimônio da Diocese, reequipando-a e transformando-a num instrumento de evangelização e educação. Sua ação episcopal, fez-se presente em todos os setores e recantos da diocese. No campo educacional, fundou a Escola Normal 'São José' (1963), que teve como sua primeira diretora a Irmã Laís Gondim Lopes.

Ainda em 1980, criou em Patos a Renovação Carismática Católica e desenvolveu medidas, visando consolidar as ações do Apostolado da Oração, em todas as paróquias de sua Diocese. De maneira substancial, Dom Expedito apoiou o Movimento dos *Focolares*, implantado na cidade de Patos, em 1981 e fundou o Centro '*Justiça e Paz*'.

Sempre preocupado com seus diocesanos, não media esforços na concretização de seus objetivos, orientando da melhor forma possível "*o rebanho do povo de Deus no sertão da Paraíba*". Espírito pacificador, em Patos, Dom Expedito Eduardo "*agia fora do ambiente religioso toda vez que problemas de ordem pública*

*chamavam-o” e fazia-se “sempre presente a todos os movimentos de fé, caridade, civismo, de ajuda ao próximo e do bem comum”. E, por isso, “da sua orientação, a mais humana possível, os homens públicos recolhiam os mais úteis ensinamentos”.*

Perfeito exemplo de levita do Senhor, a ele, deve-se de fato, a estruturação da Diocese das Espinharas, onde, sempre fiel à sua vocação, durante quase 24 anos, dedicou-se ao rebanho de Deus, falecendo prematuramente no dia 8 de maio de 1983, no pleno exercício de seu episcopado.

Sua ação episcopal venceu os limites territoriais do Estado da Paraíba, ganhando destaque nacional. Em Patos, Fortaleza e Pacatuba, pelo clero, pelas entidades culturais e sociais, foram prestadas as mais sinceras homenagens à sua memória. Ainda na cidade de Patos, o Poder Público Municipal, decretou luto por três dias, quando de seu falecimento.

Para o povo patoense, Dom Expedito não foi apenas um simples sacerdote e mentor apostólico. Mas, um homem compreensivo de uma dupla missão - que tanto ocupava-se das funções inerentes ao seu episcopado, como também, fazia-se presente à vida de seus paroquianos, através de seus conselhos, de sua amizade, de seu sorriso franco e confortador.

Espírito humilde, Dom Expedito Eduardo de Oliveira será sempre lembrado pela população patoense como um grande guia e exemplo de verdadeiro pastor do rebanho de Deus, que soube marcar sua passagem pela ‘Cidade Morada do Sol’, por grandiosas e inapagáveis realizações.





---

---

**DOM GERARDO ANDRADE**  
**PONTE: O segundo bispo**  
**da Diocese de Patos**



**D**om Gerardo Andrade Ponte é cearense de Fortaleza, onde fez seus estudos básicos e eclesiais, ordenando-se sacerdote em 1948. Era vigário cooperador na Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, em Fortaleza, quando tornou-se pároco de Aquirás, regendo, em seguida, a Matriz de Nazaré, no interior de seu Estado, no período de 1952 a 1954.

Em Fortaleza, o Padre Gerardo, regeu ainda as Paróquias de Nossa Senhora do Patrocínio (1954) e de Nossa Senhora de Fátima (1955-1975). Dedicando-se ao magistério, foi professor do Seminário da Prainha e posteriormente, seu reitor (1964-1966). Fundador e diretor do Ginásio Santo Tomás de Aquino (1970-1975), após exercer várias outras funções na Arquidiocese de Fortaleza, ascendeu ao episcopado.

Nomeado Bispo de Petrolina-PE, sua sagração episcopal, ocorreu aos 17 de agosto de 1975 e durante mais de oito anos, sempre com zelo e reconhecidas virtudes, exerceu sua ação pastoral naquela Diocese pernambucana. Em princípios de 1984, foi escolhido para ocupar o Bispado da cidade de Patos, vago após a triste e inesperada morte de Dom Expedito Eduardo de Oliveira.

Sua posse na Diocese de Patos, ocorreu aos 26 de fevereiro daquele ano. A referida solenidade, que converteu-se num grande acontecimento social e cristão, contou com a presença de várias autoridades políticas e eclesiais, entre elas, o Governador do

Estado, Dr. Wilson Braga; o Prefeito Municipal, Dr. Rivaldo Medeiros; o Arcebispo da Paraíba, Dom José Maria Pires, e, de Dom Hélder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife.

Em Patos, Dom Gerardo instalou o Seminário Diocesano, no Bairro de Santo Antônio; equipou a Rádio Espinharas, transformando-a na mais potente da cidade; impulsionou as atividades da Ação Social Diocesana; criou a Pastoral da Criança (1987); a Pastoral Familiar (1993); a Pastoral Carcerária (1997); Pastoral do Menor e a Pastoral Litúrgica, além de outras realizações de cunho social.

Durante o tempo em que ocupou o sólio patoense, com seu jeito simples, soube conquistar o carinho, a admiração e o respeito de seus diocesanos. Suas ações, serviram para o engrandecimento da referida Diocese, que foi acrescida das paróquias de Condado, Junco do Seridó e Jurú. Homem humilde e estudioso profundo, Dom Gerardo é um autêntico pastor, respeitado *“por sua competência, descrição e sobretudo amor à Igreja”*.

No dia 1º de dezembro de 2001, tornou-se bispo emérito da Diocese de Patos, sendo substituído por Dom Manoel dos Reis Farias. Em suas despedidas, o povo católico patoense, rendeu-lhe as mais sinceras homenagens de gratidão, ao pastor que fez de sua vida uma prática de evangelização, mostrando aos seus semelhantes os ensinamentos de Deus.

Dom Gerardo por tudo que realizou à frente desta Diocese, será eternizado na memória povo patoense e terá seu nome incluído na galeria dos

benfeitores dessa cidade sertaneja, onde reside e pretende viver os últimos dias de sua produtiva e exemplar vida.



---

---

**DOM MANOEL DOS REIS DE  
FARIAS: O atual bispo de Patos**





O atual bispo da Diocese de Patos, é pernambucano, natural de Orobó, onde nasceu aos 23 de abril de 1946. Ainda muito criança, perdeu sua mãe e como seu pai contraiu novo matrimônio, foi criado por sua avó materna. De família pobre, ainda adolescente, descobriu sua vocação para o sacerdócio.

Cursou o primeiro e o segundo graus no Colégio Pio XII, dirigido pelos Irmãos Maristas, na cidade de Surubim-PE. Posteriormente, estudou Filosofia no Instituto Estrela Missionária, em Nova Iguaçu-RJ e Teologia na Escola Teológica do Mosteiro de São Bento, em Olinda-PE. Diplomado pelo Instituto Superior de Direito Canônico do Rio de Janeiro, após ordenar-se sacerdote (06-01-1983) foi Reitor da Casa de Formação dos Seminaristas da Diocese de Nazaré da Mata-PE (1985-1986) e Vice-Reitor do Seminário Arquidiocesano de Olinda e Recife (1987).

No período de 1988 a 1990, regeu a Paróquia de São Sebastião, sediada na cidade de Machado, no interior de Pernambuco, de onde saiu para ocupar o cargo de Diretor Espiritual do Seminário Maior de Nazaré da Mata-PE, funções que acumulou com a regência da Paróquia de Pau D'álho.

Agraciado com o título de Cônego, encontrava-se no exercício destas últimas funções, quando ascendeu ao episcopado e foi escolhido 3º Bispo da Diocese de Patos, em substituição a Dom Gerardo

Andrade Ponte. Sua sagração episcopal ocorreu aos 10 de novembro de 2001, em ato litúrgico realizado em Nazaré da Mata-PE, sob a presidência de Dom Jorge Tobias de Freitas, bispo daquela diocese pernambucana.

Dom Manoel dos Reis de Farias empossou-se na Diocese de Patos no dia 1º de dezembro seguinte, em solenidade realizada no Estádio Municipal '*José Cavalcanti*'. Na oportunidade, além das autoridades civis e religiosas, compareceu grande número de fiéis.

Homem inteligente, possuidor de uma alma mansa e cheia de bondade, Dom Manoel é um dirigente determinado e dedicado. Virtuoso, vem desenvolvendo um trabalho profícuo em sua diocese, onde, em pouco tempo, conquistou a estima e consideração do povo patoense.

No dia 18 de março de 2003, em solenidade bastante concorrida, lançou a pedra fundamental da construção do Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na cidade de Patos, que será o mais belo templo católico do Estado da Paraíba. Patos e sua Diocese, depositam em Dom Manoel dos Reis de Farias as maiores esperanças.

---

---

**VULTOS DO CLERO PATOENSE:  
Padre Espedito Caetano da silva,  
o atual vigário da catedral de  
Nossa Senhora da Guia**



**C**hanceler da Cúria Diocesana, o Padre Espedito Caetano da Silva é o atual vigário da Matriz de Nossa Senhora da Guia, de Patos. Natural de Nova Olinda-PB, ali nasceu aos 12 de dezembro de 1964. Em sua terra natal, cursou até o primeiro grau. Em 1981, por intermédio do Padre José Lopes Sobrinho, ingressou no *Seminário São José*, em Patos, onde concluiu o segundo grau.

No Recife-PE, cursou Teologia e Filosofia. Em maio de 1990, recebeu as ordens menores. Em junho seguinte, o subdiaconato e o diaconato. Por fim, foi ordenado sacerdote no dia 14 de dezembro daquele mesmo ano, em cerimônia litúrgica realizada na Catedral de Nossa Senhora da Guia, em Patos, recebendo a ordem sagrada do presbiterato das mãos de Dom Gerardo Andrade Ponte, bispo diocesano.

Sua primeira nomeação eclesiástica foi para ocupar o cargo de vigário cooperador da Paróquia de Santo Antônio, em Patos. Aos 21 de abril de 1992, tornou-se administrador da Matriz de Santa Madalena, na cidade de Teixeira. Ali, seu primeiro ato *“foi convocar uma reunião com a comunidade para traçar diretrizes de atividades paroquiais, e conciliar horários, uma vez que atenderia a todas as cidades, distritos e povoados da Serra do Teixeira, além de 11 capelas”*.

Naquele ano, em sua paróquia, coordenou as festividades de comemoração dos *‘200 ANOS DE FÉ’*,

que assinalou o bicentenário da Matriz local. De janeiro a março de 1994, acumulou suas funções com a regência das paróquias de Desterro e Imaculada.

Aos 17 de fevereiro de 2002, o Padre Espedito foi designado vigário da Catedral de Nossa Senhora da Guia, de Patos. Em Teixeira, onde exerceu seu sacerdócio por dez anos, deixou os mais sinceros laços de amizade, despedindo-se daquela paróquia no dia 22 daquele mesmo mês. Na oportunidade, a comunidade católica local prestou-lhe significativas homenagens.

Ao deixar aquela cidade, o Padre Espedito Caetano afirmou: *“atendendo ao chamado de Deus eu parto com muitas saudades das amizades e convivências com tantas pessoas e bons amigos e amigas. Não saio constrangido e nem angustiado. Saio convicto de que plantei sementes que se regadas, pelas pastorais, se multiplicarão. Convicto ainda, saio com a certeza de que não fiz tudo o que devia ter feito ou que estava para ser feito (...)”*.

Em Patos, sua ação vem fazendo-se presente em todos os setores da comunidade católica. Sacerdote virtuoso, costuma repetir que está feliz com sua vocação. Zeloso pela liturgia, é incansável no exercício de seu ministério. Orador brilhante, sua palavra de amor, atinge até os incrédulos, pois é um homem, cujo espírito e coração encontra-se voltado para os céus.

Dinâmico, o Padre Espedito luta pela paz e pela Igreja, fazendo-se guardião da liturgia e da palavra divina, encantando multidões com seus sermões ricos em exemplos de fé e mensagens. Coerente, firme e determinado, à frente da Catedral de Nossa Senhora

da Guia tem realizado uma ação sacerdotal que, certamente, será sempre lembrada na Histórica Eclesiástica de Patos.

Humilde e bom, tem para com os pobres, uma atenção especial e a todos, divulga o evangelho como fonte de vida. Nele, não sabemos dizer o que há de maior, se a responsabilidade e o zelo pela missão que abraçou ou a fé, que dele faz um perfeito levita. Este ano, por seus esforços e dedicação, a cidade de Patos teve uma das melhores festas da Padroeira, dos últimos anos, que foi celebrada de forma inovadora e com grande participação popular.

A vida sacerdotal do Padre Espedito Caetano da Silva, possui uma trajetória ascendente: Administrador da Paróquia de Santo Antônio (Patos); Administrador Paroquial de Teixeira, Desterro e Imaculada; Vigário de Desterro; Vigário da Catedral de Nossa Senhora da Guia e Chanceler da Cúria Diocesana, é uma das grandes promessas do Clero patoense.





---

---

**VULTOS DO CLERO PATOENSE:  
Cônego Joaquim de Assis Ferreira,  
uma vida inteira dedicada ao  
sacerdócio**



**E**xistem homens que nascem e morrem sem terem a oportunidade ou condições de imprimirem seu nome na história. Outros, por dinamismo, competência, atos e qualidades, destacam-se nos mais variados segmentos da vida humana, projetam-se no futuro e eternizam-se após a morte. A este segundo grupo, pertence o Cônego Joaquim de Assis Ferreira, que viveu mais de quarenta anos na cidade de Patos, prestando relevantes serviços como sacerdote, professor e jornalista.

Patoense por coração, nasceu no dia 24 de novembro de 1908, na fazenda '*São João Francisco*', em território atualmente pertencente a Malta e, que à época, integrava o antigo município de Pombal, no alto sertão paraibano. Foram seus pais Antônio Ferreira Lima e dona Maria Olindina de Assis, ambos agricultores e católicos.

Cedo, o menino *Assis* descobriu sua vocação para o sacerdócio. E, após concluir o primário, devidamente autorizado por seus pais, ingressou no tradicional Seminário Arquidiocesano da Paraíba. Ali, cursou o ginásial e o secundário, além de perfazer seus estudos superiores de Teologia e Filosofia. Seminarista, cedo revelou-se "*portador de uma inteligência extraordinária*", recebendo elogios de seus colegas de estudos, professores e do próprio reitor do Seminário.

Ordenou-se sacerdote a 26 de novembro de 1933, aos 25 anos de idade, em solenidade realizada na Catedral de Cajazeiras, à cuja Diocese pertencia. Sua primeira nomeação eclesiástica foi para ocupar o cargo de vigário da Paróquia de Catolé do Rocha (1934-1935). Zeloso em sua missão, logo tornou-se estimado por seus paroquianos. Educador nato, naquela cidade *“realizou elogiável trabalho em favor da juventude”*.

Durante sua permanência em Catolé do Rocha, recebeu em sua paróquia, com grande estilo, a visita do missionário capuchinho Frei Damião de Bozzano, por quem tinha grande apreço e admiração. Em 1936, após aceitar convite formulado por Dom Mota, Bispo de Cajazeiras, tornou-se diretor do tradicional Colégio *‘Padre Rolim’*, sediado naquela cidade, desenvolvendo um trabalho, que sempre será lembrado na história daquele secular educandário.

No entanto, em meados de 1945, transferiu-se para a cidade de Patos, no Sertão das Espinharas, após ser nomeado inspetor federal de ensino na região, passando a acumular as referidas funções com o exercício de seu sacerdócio. E, durante anos foi orientador educacional do Ginásio Diocesano de Patos, à época, sob a direção do talentoso Padre Vieira.

Filósofo e teólogo de renome, o Padre Assis notabilizou-se como pregador, *“projetando-se no púlpito como um dos melhores oradores sacros do Nordeste”*. Famosa é a oração com a qual saudou Nossa Senhora de Fátima, quando de sua passagem pela cidade de Patos, em meados de 1953. Convidado, pregou em diversos centros religiosos de importância no

Nordeste. Em Recife, na Basílica do Carmo, numa certa cerimônia litúrgica, impressionou a todos que ouviram seu sermão, proferido numa linguagem simples, mas rica em mensagem e exemplos de fé cristã.

Distinguido com o título de Cônego, foi sempre *'o Padre Assis'*, conquistando a admiração do povo patoense, por seus atos e ações. Logo após a criação da Diocese de Patos, foi designado Consultor Diocesano, Diretor Diocesano da Doutrina Cristã, Membro do Conselho de Administração Diocesana, Confessor Extraordinário do Ginásio Cristo Rei, Capelão do Hospital Regional e Confessor Ordinário do Centro de Ação Social *'Cônego Machado'*, por provisões assinadas por Dom Expedito Eduardo de Oliveira - primeiro Bispo de Patos - e datadas de 15 de agosto de 1959. Entretanto, apesar de suas múltiplas funções, sempre encontrava tempo para auxiliar o vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Guia.

Nomeado Confessor Ordinário do Ginásio Cristo Rei (Provisão nº 5, de 27-01-1961), aos 8 de fevereiro de 1964, o Padre Assis tornou-se Capelão daquele educandário, onde exerceu o sacerdócio até seus últimos dias de vida. A partir de 29 de fevereiro de 1968, passou a acumular as referidas funções com a direção da Radio Espinharas, *"dando-lhe um grande impulso e, efetivamente, cumprindo o slogan de emissora a serviço da moral, da fé e da cultura"*.

Naquele veículo de comunicação, por longo período, manteve um programa diário, apresentando crônicas, que numa linguagem escorreita, abordava

temas religiosos, sociais, filosóficos e políticos. Mais tarde, algumas de suas crônicas foram reunidas num livro, sob o título '*Crônicas das 12*', publicado após a sua morte, através da Associação Promocional do Ancião/ASPAN - para cuja instituição deixou os direitos autorais de sua produção literária - com prefácio do jurista Ronald de Queiroz, seu ex-acólito.

Culto e piedoso, o Padre Assis construía pelo exemplo e santificava por sua ação verdadeiramente apostólica. Como poucos, possuía uma capacidade de comunicação impressionante, ganhando "*prestígio de psicólogo, de uma psicologia ainda tributária da Filosofia e da Moral*".

Inteligência rara, exímio educador e orador sacro de grande relevo, o Padre Assis faleceu no dia 17 de agosto de 1987, aos 79 anos de idade incompletos, no Recife, onde encontrava-se em tratamento médico. No mesmo dia, seu corpo foi transladado para a cidade de Patos, onde a população unida pela amizade e caridade cristã, compareceu ao seu velório, que teve início a partir das 22:00 horas, na Igreja Catedral de Nossa Senhora da Guia.

Ali, na manhã do dia seguinte, às 8:30 horas, a Comunidade Diocesana prestou-lhe sua última homenagem, em Missa concelebrada por Dom Gerardo Andrade Ponte e vários sacerdotes da Diocese de Patos.

Em seguida, acompanhado de grande número de populares, entidades pastorais e agentes do clero, o corpo do Padre Assis foi conduzido para o Cemitério

de Santo Antônio, onde foi sepultado em túmulo de sua família, conforme desejo manifestado.

Como Consultor Diocesano, o Cônego Joaquim de Assis Ferreira foi um excelente colaborador de Dom Expedito, de quem era amigo íntimo. Nas reuniões do Conselho Diocesano, *“não havia quem não se curvasse diante de suas sábias e prudentes opiniões ou sugestões”*.

Num exemplo raro, ele soube ser pessoa e personalidade ao mesmo tempo e como poucos, a todos, sabia indicar o caminho certo a seguir. Certa vez, afirmou: *“não alimento a presunção de incluir-me entre orientadores de qualquer categoria, mas, nem por isso, me recuso de, aproveitando oportunidades, dirigir uma palavrinha de incentivo aos moços”*.

Conservador, o Padre Assis andavam sempre de batina, chamando atenção por seu habito. Às vezes, mostrava-se fechado. E, no silêncio de seu quarto, mergulhado em pensamentos, parecia alheio ao mundo em seu redor. No entanto, como ninguém, sabia conquistar uma amizade e relacionar-se com as pessoas. Esta sua qualidade nata, fazia com que dele todos se aproximassem.

Espírito culto, amante dos clássicos, possuía grandes conhecimentos na língua que imortalizou Cícero e Virgílio, expressando-se majestosamente falando ou escrevendo. Em Patos, por longos anos, foi professor de Latim e como ninguém, *“sabia manejar o vernáculo, em construções textuais de fino labor literário”*.

No púlpito e na cátedra, o Padre Assis possuía um desempenho brilhante, preservado até o final de sua existência. Em síntese, ele tinha a vocação do

intelectual, que fazia de sua cultura um serviço em benefício do próximo. Sacerdote virtuoso e operoso, serviu a boa causa e soube formar a sua personalidade, vivendo seus últimos dias de vida, *“envolvendo de bênçãos sacrossantas o quotidiano do homem do sertão”*.

Como ser humano, foi a modéstia em pessoa. E, ignorando seus conhecimentos nos mais variados campos do saber, viveu toda a sua existência no interior paraibano, vencendo desafios e ajudando seus conterrâneos a ajudarem-se. Num gesto nobre, dizia aos ouvintes de suas crônicas diárias: *“por mim, não haveria um só espinho neste mundo, não se derramaria uma só lágrima, não se ouviria um só gemido”*, e *“por isso, sempre vou, quando solicitado, ao encontro de todos aqueles, a quem uma dor tortura ou aflige uma tristeza”*.

De forma simples e humilde, no final de sua vida, o Padre Assis passou a ocupar um modesto cômodo nas dependências do ‘Colégio Cristo Rei’, vivendo sob os cuidados das irmãs do Amor Divino. Ali, era sempre procurado por alunos e pessoas da sociedade patoense, que iam em busca de *“suas seguras orientações e excelentes conselhos”*.

Na imprensa escrita e radiofônica, o Padre Assis teve uma atuação destacada. Lamentavelmente, ainda não é conhecido em sua plenitude, na Paraíba, Estado que lhe serviu por berço. Seu livro ‘Crônica das 12’ (publicado postumamente em 1998), reúne uma pequena parcela de sua produção literária. Ainda resta muito a ser publicado.



Desnecessário, é dizer, que a cidade de Patos e sua edilidade, têm para com esse ilustre sacerdote, uma grande dívida. E, patrocinar a publicação de sua obra, em conjunto com a ASPAN, seria uma forma de resgatar algumas parcelas deste débito.

Humilde, o Padre Assis reconhecia, pela verdade, o que realmente possuía. E, pela justiça, atribuía a si o mal e a Deus, todo o bem. Aqueles que tiveram a felicidade de conhecê-lo e com ele conviver, guardam seus exemplos, seus ensinamentos e suas palavras amigas. Sobre ele, pode-se afirmar que *“foi um anjo de pureza e de bondade”*, pois nele, *“tudo foi grande, porque soube se fazer pequeno demais”*.

Homem de gestos nobres, verdadeira *“chama ardentíssima de amor a Deus”*, o Cônego Joaquim de Assis Ferreira sabia conviver com os menos favorecidos, semeando entre todos a união e a fé. Como educador, foi uma luz que guiou e iluminou o caminho de muitos jovens e por *“sua vida exemplar e capacidade de compreensão dos humanos, para os céus, Padre Assis é um santo”*, pois, *“em tudo que fez na vida e por onde passou, deixou a marca brilhante da sua santidade”*.



---

---

**VULTOS DO CLERO PATOENSE:  
Monsenhor Manoel Vieira da Costa,  
o apóstolo do ensino**



Considerado um dos maiores vultos da história educacional paraibana, o Monsenhor Manoel Vieira da Costa foi um defensor intransigente da fé e um educador de grandes méritos, que fazendo do magistério um segundo sacerdócio, educou várias gerações. Distinguido com os títulos de cônego e monsenhor, foi sempre o Padre Vieira. E, hoje, seu nome encontra-se imortalizado na memória de seus ex-alunos, além de fazer parte da galeria dos grandes benfeitores da cidade de Patos.

De tradicional família católica, nasceu aos 27 de fevereiro de 1907, no sítio '*Curupaiti*', localizado nas proximidades da antiga povoação de Belém, atual cidade de Uiraúna, à época, parte integrante do município de Cajazeiras, no alto sertão paraibano, sendo filho do casal Manoel Viera da Costa e Maria Fernandes Vieira (dona Maritana). Órfão de pai aos seis anos de idade, com sua genitora, aprendeu as primeiras letras, freqüentando, posteriormente, uma escola pública, que funcionava na povoação de Belém. Em 1919, aos doze anos de idade, matriculou-se no '*Colégio Padre Rolim*', em Cajazeiras, passando a residir na companhia do Monsenhor Constantino Vieira, vigário da cidade, seu tio e benfeitor.

Em janeiro de 1921, transferiu-se para João Pessoa e no '*Colégio Pio X*', cursou o ginásial. Mais tarde, despertado para o sacerdócio, ingressou no tradicional Seminário Arquidiocesano da Paraíba. Ali,

curvou o secundário e fez os cursos superiores de Filosofia e Teologia. Sua ordenação sacerdotal ocorreu aos 19 de outubro de 1930, recebendo a sagrada ordem do presbiterato das mãos de Dom Moisés Coelho, em cerimônia litúrgica realizada na Catedral de Cajazeiras, tendo como concelebrante, Monsenhor Constantino Vieira. No dia seguinte, celebrou sua primeira missa na capela de sua terra natal, onde foi recebido festivamente por familiares e amigos, sendo recepcionado à entrada da pequena vila, pela Banda de Música local.

Em Cajazeiras, o Padre Manoel Vieira iniciou sua vida sacerdotal como cooperador do Monsenhor Constantino Vieira. Em princípios de 1931, convocado por Dom Moisés Coelho, assumiu o cargo de diretor espiritual do *'Colégio Padre Rolim'*, no qual, passou também a lecionar Matemática e Educação Moral e Cívica. Em abril do ano seguinte, tornou-se diretor do referido estabelecimento de ensino, desempenhando uma ação administrativa digna de registro na história educacional daquele município paraibano.

Na condição de vigário cooperador de Cajazeiras, regou a capela da povoação de Boqueirão, hoje Engenheiro Ávidos, desenvolvendo intensa ação pastoral, junto aos operários que trabalhavam na construção do açude local. Naquela povoação, coordenou os trabalhos de construção da capela, hoje igreja matriz, sob a invocação de Nossa Senhora Aparecida.

Em princípios de 1933, falecendo o Monsenhor Constantino Vieira, consagrado vigário geral de

Cajazeiras, foi designado para substituir aquele talentoso levita. Assim, deixando a direção do '*Colégio Padre Rolim*', assumiu suas novas funções. E, sempre zeloso em seu sacerdócio, mensalmente visitava todas as capelas sob sua jurisdição. Nas localidades de Bom Jesus, Boqueirão, Balanço e Catingueira, fundou a Ação Católica e a Congregação Mariana. Em Cajazeiras, o Padre Manoel Vieira coordenou os trabalhos de conclusão da Capela de Santo Antônio, dirigiu o '*Jornal Rio do Peixe*' e a *Caixa Rural*, ambos mantidos pela Diocese.

Em 1935, o Padre Vieira - como era popularmente conhecido - foi designado vigário da Paróquia de Princesa Isabel, que à época, ainda vivia um clima tenso, deixado pela '*Revolta de Princesa*'. Naquela cidade, inicialmente, residiu numa pensão. Mais tarde, passou a ocupar uma casa cedida pelo senhor Nominando Diniz, compartilhando-a com o Juiz da Comarca e com o professor Mário Romero, de quem tornou-se grande amigo. Com muito esforço e dedicação, conseguiu superar os problemas encontrados em sua paróquia, acalmando os ânimos da população, acirrados por antigas disputas políticas. Tamanhos foram os resultados obtidos, que foi convidado para assumir a prefeitura local, a cujo convite declinou para não desviar-se de seus objetivos e propósitos.

Em Princesa Isabel, o Padre Manoel Vieira permaneceu até finais de 1937, quando, por determinação de seu Bispo Diocesano, retornou à Cajazeiras. E, designado vigário geral da referida

diocese, assumiu a regência da Catedral de Nossa Senhora da Piedade no dia 6 de janeiro de 1938, à frente da qual, procurou cumprir com seu dever tanto no campo religioso como no social.

De imediato, empreendeu esforços para a construção da nova Igreja Matriz da cidade. No entanto, não teve tempo para concluir as referidas obras, o que foi feito por seu sucessor, o Cônego Vicente Freitas. Em Cajazeiras, o Padre Manoel Vieira, além da Igreja Matriz, deixou praticamente concluído um majestoso prédio para a Ação Católica. Naquela cidade, sob sua coordenação, foi realizado o '*I Congresso Eucarístico Diocesano*' (1938), que teve grande repercussão no meio católico do sertão paraibano.

De 1938 a 1939, o Padre Vieira encarregou-se da Matriz de São José de Piranhas (antiga Vila de Jatobá). Sacerdote revestido dos mais elevados predicados, soube conquistar seus paroquianos e deixou em Cajazeiras grandes laços de amizade, que foram conservadas até o final de sua existência.

Atendendo uma nova convocação episcopal, interrompeu sua ação pastoral em Cajazeiras e fixou residência na cidade de Patos, após ser designado diretor do Colégio Diocesano local, assumindo suas funções no dia 28 de janeiro de 1942. Sua escolha para o referido cargo, deu-se pelo reconhecimento à sua vasta experiência administrativa, confirmada por seu desempenho à frente do Colégio Diocesano '*Padre Rolim*'.

À época, quando de sua chegada à cidade de Patos, o Padre Fernando Gomes - futuro arcebispo de



Goiânia e um dos mais ilustres paraibanos do século XX - referindo-se ao Padre Vieira, fez o seguinte registro no Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Guia: *“Dotado de grande capacidade de trabalho e edificante espírito sacerdotal, é, ainda, um espírito voltado para a juventude e uma vocação para formador de alunos. Assim, o Ginásio de Patos vai encontrar nas qualidades do seu novo diretor os recursos de que necessita para prosseguir avante na sua obra maravilhosa de construir o futuro cristão da juventude sertaneja”*.

Durante mais de duas décadas, o Padre Manoel Vieira esteve à frente do Ginásio Diocesano de Patos, reafirmando suas qualidades de excelente administrador, revelando-se um dos maiores educadores da Paraíba. Deve-se, portanto, à sua pessoa, *“o levantamento não apenas físico, mas sobretudo institucional, do Ginásio Diocesano de Patos, que, por suas mãos, galgou posição de relevo e proeminência entre os estabelecimentos de ensino do Nordeste e, notadamente, do sertão da Paraíba”*.

Logo após tomar posse na direção do Ginásio Diocesano, procurou construir um prédio para o referido educandário, que atendesse e oferecesse condições dignas aos seus alunos, notadamente, aos mantidos em regime de internato. Assim, ajudado pela Diocese, empreendeu a construção do edifício, que, após sua conclusão, mostrou-se ser majestoso e ainda hoje, constitui-se num dos principais monumentos arquitetônicos da *‘Cidade Morada do Sol’*.

Com sua visão de gestor educacional, selecionou um novo corpo docente para o Ginásio Diocesano,

arregimentando os melhores valores da terra e de fora, disponíveis ao seu projeto de ensino. De forma consciente, preocupou-se com a formação cultural e religiosa de seus educandos, apoiando também as manifestações culturais, realizadas na cidade. Sob sua gestão administrativa, o referido educandário promoveu as festividades de colação de grau de sua primeira turma concluinte - ocorrida no dia 8 de dezembro de 1942 - que teve como paraninfo o médico e homem de letras Firmino Ayres Leite.

Educador por excelência, o Padre Vieira foi o responsável pela preparação de vários nomes de projeção e destaque no cenário político, cultural e social, dentro e fora dos limites da Paraíba, a exemplo de Jader Nunes de Oliveira, Wilson Leite Braga, Dorginaval Terceiro Neto, Antônio Elias de Queiroga, Rafael Carneiro Arnaud, Orlando Jansen, Flávio Sátiro Fernandes, Marcondes Gadelha, Jovani Paulo Neto, François Leite Chaves e Djacir Arruda, entre outros não menos ilustres.

Em agosto de 1956, instalou-se o 'Comitê Pró-criação da Diocese de Patos', cabendo ao Cônego Manoel Viera a missão de presidi-lo, tornando-se o braço direito de Dom Zacarias Rolim, na consecução desse desiderato, que tornou-se realidade em janeiro de 1959, através da Bula '*Quandoquidem Deus*', assinada pelo Papa João XXIII.

Batalhador incansável, *"consciente da grande responsabilidade que pesava sobre seus ombros, saiu em campo com um trabalho imenso, visitando todas as Paróquias que fariam parte da nova Diocese, reunindo-se*

*com diretores de colégios da região, discutindo o assunto com grupos de pessoas da sociedade local e de outras cidades, tudo fazendo em benefício de tão importante obra”.*

Primeiro vigário geral da Diocese de Patos (1959-1966), diretor Diocesano do Apostolado da Oração e idealizador da Escola Normal ‘São José’, até o final de sua existência, mesmo afastado da Diocese de Patos, Monsenhor Vieira continuou auxiliando o sólio patoense, do qual, foi um grande protetor.

Em 1962, quando foi estadualizado o Ginásio Diocesano de Patos, foi designado seu diretor, funções que desempenhou até 1965, quando tornou-se Secretário da Educação e Cultura, no Governo João Agripino. Entretanto, sua passagem por aquela pasta foi rápida, mas proveitosa. Em meados do ano seguinte, desincompatibilizou-se de suas funções para concorrer à Câmara dos Deputados, pela ARENA. Eleito, cumpriu seu mandato parlamentar até 24 de novembro de 1970, quando renunciou-o, alegando problemas de saúde.

No exercício de suas funções parlamentares, integrou a Comissão de Educação, ocupando por diversas vezes a tribuna daquela Casa Legislativa, sempre na defesa do Nordeste e da educação brasileira. Ali, em sessão realizada a 11 de novembro de 1967, representou a bancada paraibana, quando da comemoração do centenário de nascimento do coronel Miguel Sátiro e Sousa, traçando-lhe um excelente perfil biográfico, realçando a importância daquele líder patoense na história político-social do Sertão das Espinharas.

Antes, porém, de eleger-se deputado federal, declinara de dois importantes convites. O primeiro, formulado pelo Ministro Abelardo Jurema, para dirigir o Serviço de Assistência ao Menor (1956), e, o segundo, em 1960, para ser candidato a vice-governador na chapa vitoriosa, encabeçada por Pedro Moreno Gondim. Novamente, em 1969, *“declinou formalmente do convite que lhe foi feito, por autoridades categorizadas, para ser candidato ao Senado Federal”*.

Afastado da política, recolheu-se à vida privada. Em João Pessoa, onde fixou residência, passou a exercer seu sacerdócio, dando assistência religiosa à população carcerária da Penitenciária Modelo, funções que acumulou com o cargo de capelão do ‘Colégio João XXIII’.

Vítima de um lamentável acidente automobilístico, *“no contorno da cidade Campina Grande, quando retornava de uma visita a Cajazeiras”*, Monsenhor Vieira faleceu no dia 5 de outubro de 1994, aos 87 anos de idade. Seu corpo, foi sepultado no Cemitério do Senhor da Boa Sentença, na capital paraibana.

Educador, religioso e político, Monsenhor Vieira foi um homem *“bondoso, generoso, afetuoso até, enérgico e energético, desassombrado, austero, realista e visionário a um tempo, trabalhador incansável, imperturbável ante eventuais críticas ou insucessos”*. E, como *“educador, nenhum outro, guardadas as devidas proporções, o excedeu em valor na Paraíba”*.

*“Um professor sempre afeta a eternidade”* - diz Henri Adans - *“ele nunca saberá onde sua influência termina”*. Monsenhor Vieira pertence a essa categoria

de homens iluminados e eternizando sua memória, as sementes por ele plantadas nos sertões paraibanos, continuarão, ao longo dos anos, de forma progressiva, a se multiplicarem.

*Apóstolo do ensino*, missionário do saber, vigário das Paróquias de Cajazeiras e Princesa Isabel, professor e diretor dos colégios 'Padre Rolim' e '*Diocesano de Patos*', vigário geral da Diocese de Patos, secretário estadual de educação e deputado federal, Monsenhor Manoel Vieira da Costa tem seu nome integrado à história cultural da Paraíba. E, sem sombra de dúvidas, foi um dos mais ilustres paraibanos do século XX.



---

---

**VULTOS DO CLERO PATOENSE:  
Monsenhor Luís Laíres da Nóbrega,  
uma legenda de fé**





**M**onsenhor Luís Laíres da Nóbrega é indiscutivelmente uma das maiores figuras do clero patoense, na atualidade. Aos oitenta e cinco anos, ainda encontra-se em plena atividade, revelando-se uma legenda de fé, cuja trajetória de vida é um exemplo para todos aqueles que com ele convive e/ou tiveram, até o presente, a dádiva de conhecê-lo.

Personalidade marcante e atuante, nasceu no dia 27 de junho de 1918, na Fazenda Santa Gertrudes, zona rural do antigo município de Patos, Estado da Paraíba, sendo filho do casal Josias Álvares da Nóbrega e Maria Vitalina Medeiros de Moraes. Pelo lado paterno, descendia do velho capitão José Claudino da Nóbrega - senhor e proprietário da fazenda *'Baixa Verde'*, no município de Santa Luzia - de quem era neto. Seu pai, homem bom e honesto, foi produtor rural, comerciante e tabelião público, na cidade de Patos.

Em 1922, sua família fixou residência no sítio Trapiá, onde hoje encontra-se o *'Parque Turístico Cruz da Menina'*. E, quatro anos mais tarde, transferiu-se para a cidade de Patos. Órfão de mãe aos dez anos de idade, o jovem Luís Laíres fez seus estudos primários na *'Cidade Morada do Sol'*, tendo freqüentado a escola pública, regida pelo talentoso professor Alfredo Lustosa Cabral. Em 1937, prestou admissão para o Colégio Diocesano de Patos.

De tradicional família católica, vocacionado para o sacerdócio, em princípios de 1938, ingressou no Seminário Arquidiocesano de João Pessoa, à época, sob a direção do Monsenhor José Tibúrcio de Miranda. Para a concretização desse seu sonho, contou com o apoio do Padre Fernando Gomes dos Santos, vigário da Matriz de Nossa Senhora da Guia, futuro Arcebispo de Goiânia e uma das maiores figuras do clero brasileiro.

Naquele estabelecimento de ensino sacro, cursou Humanidades e perfez os cursos superiores de Filosofia e Teologia. Por fim, recebeu a ordem sagrada do presbiterado das mãos de Dom Luís do Amaral Mousinho, bispo de Cajazeiras - a cuja diocese pertencia - em solenidade realizada na Matriz de Nossa Senhora da Guia, em Patos, no dia 4 de dezembro de 1949, tendo como companheiros de ordenação, os padres Luís Gualberto e Milton Arruda.

O Padre Laíres celebrou sua primeira missa na Igreja Matriz de Patos, oito dias após sua ordenação e ainda em princípios de 1950, foi nomeado vigário cooperador da Catedral de Cajazeiras, por provisão assinada por Dom Luís Mousinho. De 2 de fevereiro de 1951 aos 2 de fevereiro de 1961, regeu a histórica Paróquia de Santo Antônio, de Piancó, onde desenvolveu um paroquiato proveitoso. Por esse tempo, teve sob seu encargo as paróquias de Santana dos Garrotes e de Coremas.

Vigário de Piancó, em 1959, quando da criação de Diocese de Patos, teve papel importante, integrando a Comissão responsável pela preparação

do sólio patoense. Em Piancó, o Padre Laíres foi professor do Colégio Santo Antônio (1953-1958) e por sua iniciativa e esforços, foi concluída a Igreja de São João Batista, no atual município de Olho Dágua.

Sacerdote dedicado, em 1961, com a saúde abalada, teve que afasta-se de seu ministério e submetesse a tratamento especializado no Rio de Janeiro, onde sofreu uma intervenção cirúrgica. Entretanto, na busca de melhoras para seu estado de saúde, esteve por seis meses nos Estados Unidos, tratando-se no '*Memorial Hospital Center*', em Nova Iorque.

Dedicado às letras, quando vigário de Piancó, o Padre Laíres era colaborador do '*Correio da Paraíba*'. No Rio de Janeiro, fez um curso de jornalismo (1962), ministrado pela Associação Brasileira de Imprensa, a cuja instituição filiou-se. Em seguida, retornou à Paraíba, sendo novamente designado vigário de Santana dos Garrotes.

De 1963 a 1969, esteve ausente da Diocese de Patos. Ainda em princípios de 1963, submeteu-se a um novo tratamento no Rio de Janeiro. Por esse tempo, a convite de Dom Fernando Gomes dos Santos - de quem recebeu forte influência para o sacerdócio - passou a prestar serviços à Arquidiocese de Goiânia-GO. Naquele Estado, o Padre Laíres foi vigário das paróquias de Itauçú (1963-1966) e de Vianópolis. Em finais de 1969, com a saúde restabelecida, resolveu retornar à Diocese de Patos. Na oportunidade, recebeu de Dom Fernando uma longa carta de agradecimento,

por seus serviços prestados à Arquidiocese de Goiânia.

Em Patos, o padre Luís Laíres da Nóbrega rapidamente reintegrou-se ao clero local e ainda em princípios de 1970, foi designado pároco da Matriz do Bairro de São Sebastião, em cujo exercício permaneceu até o final do ano seguinte. Em 1972, tornou-se vigário da Catedral de Nossa Senhora Guia e dois anos mais tarde, ascendeu à condição de Vigário Geral da Diocese de Patos (1974-1994).

Sacerdote operoso, à frente da Matriz de Nossa Senhora da Guia, realizou um paroquiato digno de registro, tendo aberto *“as portas da casa paroquial para acolher todas as classes de pessoas, principalmente os mais humildes da comunidade”*.

Zeloso em suas funções, *“dotou a Catedral com uma bancada nova e de primeira qualidade”* e, *“adquiriu um órgão eletrônico para maior brilhantismo da Sagrada Liturgia”*. Durante seu vicariato, o prédio do salão paroquial foi totalmente reformado e ornado com novo mobiliário, que deu-lhe *“um colorido bem agradável para encontros de pastoral e festas de casamento da comunidade”*.

Sacerdote virtuoso, o Padre Laíres concluiu os trabalhos de construção da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro do Morro; consertou o relógio da torre da Catedral, além de ter realizado *“um trabalho de fôlego na Igreja da Conceição, substituindo o teto antigo, revisando toda a pintura interna com a decoração dos altares, numa tentativa de recuperar o estilo*

*original deste tradicional e querido templo religioso de Patos”.*

Com a morte prematura de Dom Expedito Eduardo de Oliveira - primeiro bispo patoense - o padre Laíres na condição de vigário capitular, após ser escolhido pelo colégio de consultores, assumiu interinamente a direção da Diocese de Patos, permanecendo no exercício das referidas funções de 10 de maio de 1983 aos 26 de fevereiro do ano seguinte, quando ocorreu a posse de Dom Gerardo de Andrade Ponte.

Como administrador diocesano, deu tudo de si, visando o crescimento e o fortalecimento do sólio patoense. Em março de 1984, renunciou a Matriz da Catedral, *“alegando já ter feito o que lhe era possível à frente de uma comunidade tão grande e complexa”*. Posteriormente, tornou-se vigário de Desterro e no exercício de suas novas funções, encarregou-se da Matriz da cidade de Imaculada, tendo regido aquelas paróquias até 1994, embora residindo em Patos.

Sacerdote de reconhecido valor, o Padre Luís Laíres da Nóbrega, quando vigário de Patos, conquistou com justiça a admiração imperecível de seus conterrâneos. Tanto que fez, que foi agraciado com o título de Monsenhor, por ato assinado pelo Santo Papa João Paulo II, aos 2 de julho de 1985. E, nove anos mais tarde, recebeu o título simbólico de Pároco Emérito da Catedral de Nossa Senhora da Guia, de Patos. Por esse tempo, passou a prestar serviços voluntários à histórica Paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso, de Pombal.

Em 1999, de forma festiva, Monsenhor Laíres comemorou seu jubileu de ouro sacerdotal. Na oportunidade, às 19h30min, do dia 16 de dezembro, houve solene concelebração eucarística, na Catedral de Nossa Senhora da Guia, sob a coordenação de Dom Gerardo Ponte.

Professor do Colégio Diocesano de Patos (1971-1976), licenciou-se em Filosofia e Sociologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP - 1975). E, ao seu longo currículo sacerdotal, soma-se o fato de ter dirigido a Rádio *'Espinharas'*, no período de maio de 1983 a março do ano seguinte.

Coordenador da Pastoral da Diocese de Patos (1975-1981), Monsenhor Laíres foi um dos principais auxiliares de Dom Expedito, com quem nutria sólida amizade. Durante o período em que foi vigário de Patos, por *"seu admirável dinamismo atingiu todos os setores da vida paroquial, movimentando as associações religiosas, os grupos de leigos engajados na pastoral, as religiosas da comunidade no sentido de um esforço concentrado no maravilhoso trabalho de construção do Reino de Deus em Patos"*, segundo registrou o Padre José Lopes Sobrinho, seu sucessor na regência da Paróquia de Nossa Senhora da Guia.

Homem excepcional, modesto, simples, afável, sempre de bom humor e risonho, o Monsenhor Luís Laíres da Nóbrega é bastante respeitado na cidade de Patos. E, como pessoa humana, goza de elevado conceito junto ao clero e à comunidade católica local. Foi ele o terceiro patoense a reger a Matriz de Nossa Senhora da Guia.

Distinguido com o título de Monsenhor, é popularmente conhecido como '*Padre Laíres*', sem grandezas e sem vaidades. Hoje, consciente do dever cumprido como sacerdote e cidadão, procura o máximo desfrutar da convivência familiar, recebendo, a qualquer hora, em sua residência, amigos, admiradores e todos aqueles que buscam uma palavra amiga.

*Sacérdos in ætérn*, aos oitenta e cinco anos de idade, apesar de não gozar de muita saúde física, ainda possui uma vida ativa. E, freqüentemente participa de atos religiosos, sempre celebrando missas e realizando casamentos a convite de amigos, familiares e admiradores.

Soldado da boa causa, ao longo desses cinquenta e quatro anos de vida sacerdotal, Monsenhor Luís Laíres da Nóbrega tem-se dedicado de corpo e alma ao serviço da Igreja, com a maior sinceridade e simplicidade, sem esperar nem receber, nunca, uma recompensa. Em síntese, pode-se dizer que sua longa e produtiva existência "*encarna uma apologética viva da Igreja Católica*".

Eis, portanto, o exemplo vivo de um servo de Deus, que jamais capitulou quando convocado para sanear o bem.





---

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



O tema abordado nesta noite, começou a ser objeto de estudo como uma tentativa de despertar o interesse dos patoenses, para alguns aspectos poucos conhecidos em sua História. Assim, na ânsia de oferecer uma pequena *Contribuição à História Eclesiástica de Patos*, procurei o Padre Espedito Caetano da Silva, Vigário da Catedral de Nossa Senhora da Guia e Chanceler da Cúria Diocesana, em busca de auxílio.

Daquele jovem e talentoso sacerdote recebi a mais completa colaboração, fato que seria uma injustiça não registrar nesta noite. E, de posse de todo o acervo documental da Diocese de Patos, passei a condensar as informações históricas encontradas. Lamentavelmente, por falta de tempo, não tive condições de elaborar um trabalho melhor, digno da platéia aqui reunida, nesta ocasião.

Contudo, creio, que essa pequena *contribuição*, servirá como ponto de partida para pesquisas futuras, promovidas por outros de maiores conhecimentos.

No entanto, espero, que Deus também conceda-me a graça de poder pesquisar e analisar melhor a História de Patos, condensando num trabalho único, todos os temas ainda não abordados e corrigindo as versões de alguns fatos, que, vêm sendo repetidos equivocadamente, ao longo dos tempos.

Evidentemente, sei que ainda não alcancei, em mínimo grau, o inicial estágio de aprendiz de

historiador. E, por reconhecer que a humildade é um dos maiores tesouros à disposição de todos os seres humanos, peço desculpas aos presentes se não atingir as expectativas esperadas. Mas, saibam senhoras e senhores, que fiz o que pude!

Muito obrigado a todos.

Patos-PB, 10 de outubro de 2003.